
ἀρχαί

AS ORIGENS DO PENSAMENTO OCIDENTAL
THE ORIGINS OF WESTERN THOUGHT

Platão. *Cartas: Carta VI*

Plato. Letters: Letter VI

Gabriele Cornelli

<https://orcid.org/0000-0002-5588-7898>

Universidade de Brasília (Brasil)

cornelli@unb.br

Rodolfo Lopes

<https://orcid.org/0000-0001-9675-4023>

Universidade de Brasília (Brasil)

rodolfoledes@unb.br

Palavras-chave: Platão, *Cartas, Carta VI*, Dionísio II de Siracusa.

Keywords: Plato, *Letters, Letter VI*, Dionysius II of Syracuse.

A presente tradução é parte de um projeto conjunto dos autores, que consiste em verter para o Português todas as cartas tradicionalmente incluídas no *corpus Platonicum*. A ideia foi germinada na pesquisa que temos desenvolvido na Cátedra UNESCO Archai e, por isso mesmo, é materializada na revista que lhe pertence. Nesta primeira fase do projeto, estão sendo publicadas traduções preliminares de cada carta, acompanhadas de breves parágrafos introdutórios sobre o seu contexto.

Como decerto será do conhecimento comum, esta secção epistolar do *corpus* tem sérios problemas quanto à sua autoria. Na verdade, no total de 13 cartas, apenas duas delas podem ser atribuídas a Platão; ainda que essa pretensão de autenticidade esteja longe de alcançar um consenso entre os autores. São elas (1) a famosa *Carta VII*, que ainda hoje divide a comunidade de platonistas entre aqueles que a aceitam como autêntica e os que não;¹ e (2) a *Carta VIII*, que tem menos condições de ser atribuída a Platão, dado o elevado número de anacronismos que apresenta (cf. Brisson, 2008, p. 623). Todas as outras são inquestionavelmente espúrias.

Em todo o caso, o problema da autenticidade é minimizado pelo interesse que tal repositório epistolar tem suscitado ao longo de tantos séculos de exegese platonista. O conjunto das 13 cartas está incluído no *corpus* já desde as suas antiquíssimas divisões: nas trilogias de Aristófanes de Bizâncio e também nas clássicas tetralogias tradicionalmente atribuídas a Trasilo (vide Lopes, 2013). Em ambos os modelos as cartas ocupam a última posição (depois de *Críton* e *Fédon* em Aristófanes; depois de *Minos*, *Leis* e *Epínomis* em Trasilo). Isso não implica, todavia, que os antigos considerassem as cartas espúrias; pelo contrário, aliás, visto que generalidade dos autores (pagãos e cristãos) as toma por autênticas (vide Zaragoza & Gómez Cardó, 1992, p. 429-433). São de notar as possíveis exceções de Proclo e Aristóteles. O primeiro, segundo um *testimonium* de

¹ Veja-se neste sentido a recente publicação de Burnyeat e Frede (2015).

Olimpiodoro, teria rejeitado a totalidade das cartas; mas tal relato acabou por ser desconsiderado, pois na rejeição estavam também incluídas as *Leis* e a *República* (vide Maddalena, 1948, p. V). Quanto ao segundo, não se pode falar de rejeição, mas apenas de silêncio: Aristóteles nunca refere as cartas de Platão, nem mesmo quando, no Livro V da *Política*, fala da querela entre Díon e Dionísio de Siracusa. Alguns dos autores que defendem a inautenticidade da *Carta VII* usam este silêncio de Aristóteles como argumento.

Nos manuscritos medievais as cartas aparecem listadas no final, logo antes dos diálogos considerados espúrios. Esta posição não deve indiciar suspeitas de autenticidade, visto em apenas alguns deles apenas a *Carta XII* surge notada como espúria.

Assim, a tendência de rejeitar a autoria platônica das cartas é bastante recente, tendo em conta a longa tradição de comentário e interpretação; mais precisamente a partir de inícios do século XIX, depois dos trabalhos de Meiners (1782), Ast (1816) e Karsten (1864), que as reconhecem todas como espúrias.

Sobre a *Carta VI*

Às disputas já clássicas, e amplamente superadas, sobre a autenticidade desta carta (Shorey, preferimos as tentativas de compreender os motivos da amizade política entre as três personagens: Érmias, tirano de Axo, na Troade, de um lado, e Erasto e Coristo, que – se a carta for autêntica – estariam assumindo na ocasião desta carta o governo da cidade junto com o primeiro. Nota-se na carta a busca de um *downsizing* da discussão sobre a aliança política em favor de uma ênfase na necessidade, para um governante, de ter bons amigos. Uma amizade, todavia, que precisa de sinais fortes de compromisso, daí certamente a insistência em um juramento (323c) que sele esta cooperação/amizade no governo. Chama atenção, em 322d, a expressão *eidon sophia* referida à particular capacidade desenvolvida por Erasto e Coristo ao viverem por muito tempo com Platão. Obviamente não há sinal deste uso nas páginas dos diálogos, ainda que a expressão soe de alguma forma

surpreendentemente familiar, especialmente quando se pensa à linguagem coloquial e íntima que permeia a carta. A menção final a duas divindades – como já vimos às três na Carta Segunda – não parecem deixar muita dúvida sobre o *background* acadêmico e neopitagórico de idade imperial dessa carta.²

Tradução

(322c) A Hérmiás, Erasto e Corisco, Platão deseja tudo bem.

Parece-me que um deus bom e generoso esteja preparando para vocês um destino bem-aventurado, se souberem acolhê-lo. Morando próximos, de fato, podem prestar uns aos outros, quando necessário, uma grande ajuda. **(322d)** A Hérmiás de fato não é necessária uma grande multidão de cavalos ou de exércitos, e nem sequer mais riquezas, para tornar mais forte seu poder, e sim amigos de confiança e de bom caráter. Erasto e Corisco, por sua vez, além da sabedoria das ideias, esta sabedoria tão bela – digo isso apesar de estar velho – precisam também daquela outra sabedoria, que consiste em saber se precaver, e quiçá se defender, **(322e)** dos homens injustos e maus. Isso porque eles viveram conosco pela maior parte de suas vidas, nós que somos pessoas honestas e equilibradas, e assim eles são de fato inexperientes. Assim, precisam de fato desta ajuda para não serem obrigados a descuidarem da verdadeira sabedoria, se ocupando daquele saber que diz respeito à vida humana e à sua necessidade mais de quanto seja estritamente necessário. **(323a)** Por outro lado, Hérmiás – ainda que não o tenha jamais encontrado – parece-me possuir esta capacidade, tanto por sabedoria como por experiência.

² A pesquisa que permitiu a publicação desta tradução foi financiada pela Fundação de Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), Edital Demanda Espontânea 03/2015.

Enfim, o que quero dizer é que conheço Erasto e conheço Corisco mais do que você, Hérmiás, e não irá facilmente encontrar pessoas mais dignas de sua confiança destes que te são próximos. Assim de aconselho a te juntar a eles de toda maneira que achares justa e de não menosprezar esta amizade. E a Erasto e a Corisco aconselho a se aproximarem de Hérmiás e a estabelecer com ele um sólido vínculo de amizade. **(323b)** E se depois alguém quiser romper esta amizade (não há de fato nada de permanente entre os homens), escrevam imediatamente a mim e meus amigos sobre as razões deste dissenso. Acredito que se a ruptura não tiver sido muito forte, nossas respostas, inspiradas nos sentimentos de justiça e honra, iriam convencê-los, mais do que qualquer encantamento, a fazer as pazes, voltado assim à antiga amizade e união.

(323c) Isso acontecerá se todos, nós e vocês, vivermos como filósofos, na medida do possível e de quando o conseguirmos fazer. Não vou dizer o que poderia acontecer no caso contrário. Somente expressei meu voto de sucesso e afirmo que, com a ajuda divina, tudo irá acontecer da melhor maneira.

Esta carta, vocês devem lê-la os três juntos, se possível, ou pelo menos dois a dois; devem lê-la frequentemente, quantas mais vezes possível, como se fosse um pacto ou **(323d)** uma lei sagrada: uma lei sobre a qual se faz juramento solene, mas sem que resulte pesado, aliás com aquela alegria que é irmã da seriedade.

Que o juramento seja em nome do deus que conduz todas as coisas presentes e futuras, e daquele que é pai e senhor, e que nos guia e que, se vivermos como filósofos, todos poderemos conhecer, na medida concedida a homens bem-aventurados.

Bibliografia

- AST, F. (1816). *Platon's Leben und Schriften: Ein Versuch, im Leben wie in den Schriften des Platon das Wahre und Aechte vom Erdichteten und Untergeschobenen zu Scheiden, und die Zeitfolge der ächten Gespräche zu Bestimmen*. Leipzig, Weidmann.
- BLUCK, R. S. (1960). The Second Platonic Epistle. *Phronesis* 5, n. 2, p. 140.
- BRISSON, L. (org.) (2008). *Platon. Oeuvres Complètes*. Paris, Flammarion.
- BURNYEAT, M.; FREDE, M. (2015). *The Pseudo-Platonic Seventh Letter*. Dominic Scott (ed.). Oxford University Press, Oxford.
- CORNELLI, G. (2011). *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Col. Classica Digitalia Brasil. Coimbra, CECH - Universidade de Coimbra; São Paulo, Annablume.
- ISNARDI-PARENTE, M. (2002). *Platone. Lettere*. Milano, Mondadori.
- KARSTEN, H. T. (1864). *Commentatio critica de Platonis quae feruntur Epistolis*. Utrecht, Kemink et Filius.
- LOPES, R. (2013). A organização tetralógica do corpus Platonium (3.56-62): uma revisão do problema. In: LEÃO, D. et al (coords.). *Dos homens e suas ideias. Estudos sobre as Vidas de Diógenes Laércio*. Coimbra, IUC, p. 125-138.
- MADDALENA, A. (1948). *Platone. Lettere*. Bari, Laterza.
- NOVOTNY, F. (1930). *Platonis Epistulae commentariis illustratae*. Brno, Filos Fakulta.
- RITTER, C. (1910). *Neue Untersuchungen über Plato*, München.
- SOUILHÉ, J. (1926). *Platon. Lettres*. Paris, Les Belles Lettres.
- THESLEFF, H. (1965). *The Pythagorean Texts of the Hellenistic Period*. Åbo, Acta Academiae Aboensis.
- JONES, H. S. (1948). *Thucydides. Historiae*. Rec. brevisque adn. crit instr. Oxford, Oxford University Press.

ZARAGOZA, J; GÓMEZ CARDÓ, P. (1992). Platón. *Diálogos VII* (Dudosos, Apócrifos, Cartas). Madrid, Editorial Gredos.

Submetido em 01/03/2018 e aprovado
para publicação em 30/06/2018.